



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

ROSEANE DELMIRO DOS SANTOS

**AS MEMÓRIAS COMO CONSTRUTORAS DA IDENTIDADE EM *PONCIÁ*
VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: APLICAÇÃO EM SALA DE AULA**

JOÃO PESSOA – PB
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

ROSEANE DELMIRO DOS SANTOS

**AS MEMÓRIAS COMO CONSTRUTORAS DA IDENTIDADE EM *PONCIÁ*
VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: APLICAÇÃO EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras, pela Universidade Federal da
Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau
de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Eleonora de Freitas
Calado Deplagne

JOÃO PESSOA – PB
2017

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA)

Santos, Roseane Delmiro dos.

As memórias como construtoras da identidade em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo / Roseane Delmiro dos Santos. - João Pessoa, 2017.

51 f.

Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Eleanora de Freitas.

1. Literatura afro-brasileira. 2. Identidade. 3. Memórias. 4. Ponciá Vicêncio. I. Título.

ROSEANE DELMIRO DOS SANTOS

AS MEMÓRIAS COMO CONSTRUTORAS DA IDENTIDADE EM *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne – UFPB
(Orientadora)

Profa. Dra. Cinara Leite - UFPB
(Examinadora)

Profa. Dra. Maria Bernardete da Nóbrega – UFPB
(Examinadora)

Aprovada em: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos...

Primeiramente a Deus, Ele, que renova as minhas forças, diariamente, me permitindo trilhar esta caminhada com saúde, para superar todas as dificuldades e alcançar os meus objetivos.

Aos meus pais, Rita e José, que durante toda a minha vida foram e continuam sendo o meu alicerce, sempre confiando e acreditando nos meus sonhos, até mesmo, os mais loucos, sendo o meu sustento nas horas das decepções e compartilhando das minhas alegrias, não medindo esforços para que eu concluísse o meu curso.

Aos meus irmãos Rosilene, Elenilson, Ednilson e Rosiene, pelo incentivo constante, em especial, à minha irmã Rosilene, pelas palavras de carinho e apoio, quando eu me julguei incapaz de concluir o meu trabalho.

Aos meus colegas de curso, os quais estiveram comigo desde o início, e que ao longo do tempo, fomos construindo fortes laços de amizade, Denise, Fernanda, Natanael e Jhennefer, juntos, dividimos os trabalhos, dúvidas, momentos de tensão, descontração, sorrisos e que de maneira muito sutil foram, também, os responsáveis pela escolha do tema do meu trabalho.

À direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Lourdes Araújo que me acolheu de maneira atenciosa.

À professora Marta Nóbrega que abriu as portas da sua sala de aula para que eu pudesse realizar a intervenção, agradeço por sua disponibilidade em ceder esse espaço e os seus alunos, e em mim fica a alegria de ter-lhe apresentado Conceição Evaristo.

Aos meus professores do curso que tornaram-se tão importantes na minha vida acadêmica, em especial, as professoras Maria Bernardete e Cinara Leite pela participação nesta etapa final.

E um agradecimento muito especial, à minha querida orientadora Luciana Calado, pela paciência na orientação e incentivo em uma das horas mais difíceis, em que pensei em desistir, o seu apoio, sem dúvidas, fez toda a diferença.

*Escrever é dar movimento
à dança-canto
Que meu corpo não executa.
A poesia é a senha que invento
Para poder acessar o Mundo.*

Conceição Evaristo

RESUMO

O presente trabalho pretende mostrar a importância do ensino da literatura, no tocante a literatura afro-brasileira. Sendo assim, para a delimitação do tema, primeiramente, proponho uma discussão acerca do conceito de literatura, vista sob duas vertentes: literatura negra e literatura afro-brasileira, embasada nos estudos realizados por SANTOS; WIELEWICKI (2005), DUARTE (2008), dentre outros estudiosos. Nesta perspectiva, discorro sobre a literatura afro-brasileira da mineira Conceição Evaristo e sua *Escrevivência* (2012), a partir de uma análise biográfica da autora, relacionando-a, especificamente, com o romance *Ponciá Vicêncio* (2003). Objetivo compreender como dá-se a relação entre memória e identidade, a partir da construção da vida de Ponciá e sua relação com Nêgua Kaínda, uma velha sábia da Vila em que a protagonista morava, através dos estudos realizados por EVARISTO (2009); DUARTE (2008); BOSI (1987), entre outros. Neste sentido de herança identitária e (re)conhecimento de uma identidade, da valorização da cultura negra e afrodescendente, compreendo como fundamental trabalhar as aulas de literatura em um viés de estímulo, para que os alunos enxerguem a literatura afro-brasileira como uma forma de conhecer as suas origens, sua cultura. Além de teorias e discussões, apresento uma proposta de intervenção em sala de aula, desenvolvida a partir do romance *Ponciá Vicêncio* (2003) a qual foi realizada em uma escola do município de Santa Rita, em uma turma do 3º ano do Ensino Médio.

Palavras-chave: Memórias, *Ponciá Vicêncio*, Identidade, Literatura Afro-brasileira.

ABSTRACT

The present work intends to show the importance of literature teaching in relation to Afro-Brazilian literature. Therefore, for delimitation of the theme, I first propose a discussion about the concept of literature, seen in two ways: black literature and afro-brazilian literature, based on studies carried out by SANTOS; WIELEWICKI (2005), DUARTE (2008), among other scholars. In this perspective, I talk about the afro-brazilian literature of Minas Gerais writer Conceição Evaristo and her *Escrevivência* (2012), starting from a biographical analysis of the author, relating it specifically to the romance *Ponciá Vicêncio*, (2003). Objective to understand how the relationship between memory and identity, from the construction of the life of Ponciá and its relation with Nengua Kainda, an old wise woman from the village where the protagonist lived, through the studies carried out by EVARISTO (2009); DUARTE (2008); BOSI (1987), among others. In this sense of identity inheritance and (re)knowledge of an identity, of the valorization of black and Afrodescendant culture, understand how fundamental is to work literature classes in a stimulus bias, so that the students see the Afro-Brazilian literature as a form of knowing their origins, their culture. In addition to theories and discussions, I present a proposal for classroom intervention, developed from the romance *Ponciá Vicêncio* (2003) which was carried out in a school in the Santa Rita city, in a high school class of the 3rd year.

Key words: Memories. *Ponciá Vicêncio*. Identity. Afro-Brazilian Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA CONSTRUÇÃO DA NOSSA IDENTIDADE.....	14
1.1. Literatura afro-brasileira ou literatura negra: um olhar sob duas vertentes.....	16
1.2. Conceição Evaristo: uma voz negra da contemporaneidade.....	19
2. PONCIÁ VIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A BUSCA POR UMA IDENTIDADE ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS.....	21
2.1. Os velhos como guardiões da memória: uma aproximação com o romance <i>Ponciá Vivência</i>	23
2.2. A herança ancestral da “velha” Kainda para o re(conhecimento) da identidade de Ponciá.....	28
3. A LITERATURA COMO FORMAÇÃO DO ALUNO/LEITOR.....	30
3.1. A importância da Literatura Afro-brasileira no contexto escolar.....	32
3.2. As memórias em <i>Ponciá Vivência</i> - um fio condutor para o (re)conhecimento da nossa própria história: uma proposta didática.....	35
3.3. Justificativa.....	36
3.4. Diagnóstico da instituição.....	38
3.5. Sequência Didática.....	38
3.6. Objetivos.....	38
3.7. Objetos de análise.....	39
3.8. Materiais necessários.....	39
3.9. Procedimentos Metodológicos.....	39
3.10. Avaliação.....	40
3.11. Relato das atividades desenvolvidas.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS.....	48

INTRODUÇÃO

Em vista ao cumprimento da Lei nº 10.639/2003, a qual estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de “História e a Cultura Africana e Afro-brasileira, percebo a importância da literatura na construção da identidade de um povo, a cultura africana tem grande influência na formação cultural do Brasil, atualmente, muitos são os escritores considerados afro-brasileiros que contribuem por meio de suas obras o entendimento de uma afirmação cultural de uma sociedade.

Sabendo da forte influência que a literatura transmite para quem a lê, pensemos, então, qual o motivo de encontrarmos alunos e professores tão desmotivados quando o assunto trata-se da literatura? Para que tal discussão seja de fato vivenciada nas escolas, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 87) apresentam a seguinte proposta:

Para consecução desta tarefa fundamental de formar leitores de literatura, algumas mudanças de atitude dos professores deverão ser estimuladas. Primeiramente, espera-se que o professor seja, além de um leitor, um estimulador do debate, um questionador diante das conclusões apressadas sobre as obras e autores. É preciso que o professor chame sempre a atenção dos educandos para o fato de que as facilidades de leitura, o pragmatismo nem sempre levam a um amadurecimento do jovem como leitor e pessoa. Essa postura põe em cheque as tradicionais aulas expositivas, e, sobretudo, os modelos fechados de interpretação que ainda predominam em muitos livros didáticos.

Além de tudo, é necessário que o professor seja um verdadeiro leitor, assim, ele conseguirá encontrar meios de também despertar em seus alunos o interesse pela leitura.

Geralmente, quando nos referimos à literatura, podemos pensar em “belas letras” ou “beletrística”, tratando-se, conseqüentemente, de uma parcela da literatura muitas vezes apresentada como um modo discursivo entre vários (o jornalístico, o científico, o coloquial, entre outros), porém, é necessário voltar-se à ideia de que a literatura vai além das elaborações linguísticas usuais, a literatura garante o exercício da liberdade a quem faz uso dela.

Na obra *Teoria da Literatura: uma introdução*, de Terry Eagleton (2006), na sua introdução sobre o que é literatura, ele afirma:

Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa”, no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verdadeira. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede. (EAGLETON, 2006, p. 1)

Vista sob este aspecto, a literatura permite-nos o exercício da liberdade, da expressão, de desvendar o mundo através dos nossos olhos, do ouvir uma música pela primeira vez, das nossas palavras, da nossa escrita, ler a vida como quem está diante de um livro. Desta maneira, a literatura pode ser vista como manifestação cultural de todos os homens, em todos os tempos, não havendo homem que viva sem ela, por isso a sua importância na sociedade como um instrumento de instrução e educação.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 174)

Sob esta perspectiva de Candido, a literatura está presente em nosso cotidiano, ampliando os nossos conhecimentos e interação com o mundo. Neste sentido, a leitura do texto literário permite ao leitor criar uma ponte entre o universo e o seu cotidiano. Lajolo (1989, p. 17) afirma que “a obra literária é um objeto social”, esta nasce da relação social ou comunicativa entre autor e leitor. Diante destas discussões acerca do que seja de fato literatura, ainda torna-se difícil defini-la, pois é necessário algo a mais do que apenas a relação entre autor e leitor.

Atualmente, percebe-se a importância do ato de escrever e torna-se cada vez mais necessário saber comunicar-se (bem) usando a escrita, sendo este um dos princípios da capacidade do ser humano de exercer a sua cidadania e competência.

A literatura é uma forma de arte, a qual torna possível através da escrita ou da expressão oral, registrar e representar nossa cultura e história. Neste sentido, pode-se considerar a literatura como expressão cultural de um povo em distintas épocas. Conhecemos a nossa história a medida que entramos em contato com a leitura de textos literários: interagir com o que lemos é uma das experiências mais fantásticas que a leitura nos proporciona, fazendo ressurgir vivências pessoais e reflexões sobre a nossa própria vida em comparativo ao narrado na história.

Definir literatura ainda se torna um tanto complicado, pois, como mencionado anteriormente, a ela cabe várias definições, uma pergunta aparentemente simples, porém sem um conceito completamente definido. Para Lajolo (1989):

A literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem. (LAJOLO, 1989, p. 7).

A literatura se adequa a uma sociedade, a distintas pessoas, a uma região específica, um tipo de expressão artística característica a cada um de nós através da expressão oral e/ou da escrita, o uso das palavras que se dá considerando os conhecimentos do indivíduo ou de como ele está inserido na sociedade em que mantém relação, ou seja, é a expressão da liberdade.

Ainda na tentativa de encontrar a definição de literatura, Lajolo (1989, p. 15) diz que “a resposta é simples. Tudo isso é, não é e pode ser que seja literatura. Depende do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura.” Neste sentido, compreendo a literatura como uma expressão individual do ser, condiz com a realidade cultural e, portanto, social da época em questão.

A literatura atravessa fronteiras, porém, quando nos referimos à literatura afro-brasileira, o que na maioria das vezes se aprende nas escolas é a história do negro relacionada apenas como uma figura da colonização do Brasil, contudo, é preciso ir além, reconhecendo a literatura afro-brasileira como um suporte para o reconhecimento de nós mesmos, nossa identidade e história.

Ter um contato maior com as obras de autoria negra torna-se uma forma de romper o preconceito existente, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade. Ainda que a nossa nação seja intensamente influenciada pela cultura europeia, traços da cultura africana em nossos costumes e valores são evidenciados. A partir deste entendimento, é indispensável levar para a sala de aula este reconhecimento cultural, através da literatura, no intuito de desmistificar preconceitos e explorar a compreensão e aceitação das diferenças.

Para uma melhor compreensão das ideias apresentadas, este trabalho está organizado em três capítulos:

No primeiro capítulo, deste trabalho, discorro sobre a definição da literatura afro-brasileira, no âmbito cultural e de gênero, buscando compreender suas duas vertentes: literatura afro-brasileira e literatura negra, sob a perspectiva de alguns escritores, SANTOS; WIELEWICKI (2005); EVARISTO (2009); DUARTE (2008), e a sua importância no contexto escolar.

No segundo capítulo, descrevo dois aspectos: memória e identidade, apresentadas sob a perspectiva da escritora Conceição Evaristo, em seu romance *Ponciá Vicêncio* (2003), atentando para as memórias narrativas da autora, que ouviu histórias desde a infância, de sua mãe, avós e tias.

Conceição Evaristo, em seu romance, apresenta uma narrativa não-linear marcada por cortes temporais, em que passado e presente vão se encontrando. Enfatizo as marcas dessa memória de Ponciá na tentativa de entendê-la como mulher negra, e que volta-se às suas

lembranças como forma de re(conhecer) a si própria, a sua identidade. Numa busca por sua ancestralidade, Ponciá, também recorre a Nêgua Kainda, uma velha sábia da vila em que a protagonista morava. Esta detentora de uma sabedoria ancestral apresenta-se no enredo como uma guardiã das memórias, por isso a importância de analisar o papel do “velho” na sociedade africana, em vista de repensarmos a valorização dos aspectos da cultura e identidade negra, apresentados sob o ponto de vista feminino. Neste trabalho, discorro sobre a recuperação e reconstrução da memória por parte da protagonista, a partir de sua relação com o seu presente e a reconstrução do seu passado. Alguns teóricos contribuem para tal pesquisa, entre eles, EVARISTO (2006); LE GOFF (1990); POLLAK (1992).

No terceiro e último capítulo, norteados pelos argumentos anteriores, apresento uma proposta didática que considera o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), bem como a sua análise e aspectos que o constituem, como as marcas de uma memória ancestral. Através de um narrador, em terceira pessoa, os leitores vão construindo, juntamente, com a protagonista o seu reconhecimento e aceitação identitária. Neste sentido de valorização da cultura afro-brasileira, a proposta didática foi desenvolvida e aplicada em uma turma do Ensino Médio, em uma escola pública de Santa Rita. Em seguida, discuto sobre os resultados alcançados.

1. A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA CONSTRUÇÃO DA NOSSA IDENTIDADE

Diante de uma construção historiográfica da opressão e discriminação aos negros, bem como de suas tradições e expressões culturais que ao longo do tempo, vem sendo silenciadas, conseqüentemente, que seus “textos” eram deixados de lado, não havendo quem quisesse se referir à “capacidade poética” dos escravos africanos. Esta marginalização da literatura negra deu-se até meados do século XIX, onde “falar sobre os negros traria sobre o escritor questionamentos sobre suas ligações com os mesmos, e até mesmo sobre sua linhagem pura”. (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 343).

Apenas na segunda parte do século XIX, o negro aparece novamente na literatura, ainda visto em uma posição marginal, surgindo na ordem sociopolítica, mas não textual. É também neste período que surgem negros e mulatos letrados, contudo, sob cautela diante de uma sociedade racista.

Neste contexto de discriminação racial, muitos dos negros que tiveram acesso ao código literário também não quiseram ser ligados à questão da escravidão, geralmente impregnada pela ideologia do primitivismo. Daí a discussão e crítica a esses escritores sobre o problema da autonegação e do “branqueamento” do negro, no qual o escritor negro copia os modelos da literatura europeia e se esquece de sua ancestralidade africana. (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 343)

Durante séculos, a voz negra vem sendo “sufocada”. Muitas são as dificuldades encontradas pelo escritor negro que, diante de uma sociedade discriminatória, tenta afirmar a sua identidade. Neste sentido, Conceição Evaristo (2009), uma escritora afro-brasileira que vem trilhando uma trajetória no contexto da literatura nacional, e autora do livro *Ponciá Vicêncio* (2003), o qual fundamentará este trabalho, afirma:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interditado em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. (EVARISTO, 2009, p. 18)

Apesar de existir pouco espaço na sociedade brasileira para as manifestações culturais negras e afrodescendentes, é importante mencionar que muitas foram as mudanças alcançadas

para o desenvolvimento desta cultura, inclusive o espaço para escritores afro-brasileiros, discussão esta que farei mais à frente. Isto torna-se um tanto contraditório, pois nossa sociedade surge de uma intensa miscigenação. Na mesma medida que surge um “sufocamento” em relação às expressões culturais oriundas da África, surge também uma forte resistência para que estas manifestações aflorem e cada vez mais façam parte da nação brasileira sem distinções.

Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo. (EVARISTO, 2009, p. 19)

Evaristo (2009) vai além em sua discussão, afirmando que reconhecer os referenciais negros em nossa cultura é algo que não causa tanta dificuldade, mas quando trata-se da literatura cria-se uma dúvida e uma resistência em reconhecê-la, inclusive, sua autoria. No texto *Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais* (SANTOS; WIELEWICKI, 2005) são elencados os nomes de alguns representantes da literatura afro-brasileira, entre eles:

- Domingos Caldas Barbosa (1738-1800);
- Antônio Gonçalves Dias (1823-1864);
- Luiz Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882);
- Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908);
- Tobias Barreto de Menezes (1839-1889);
- José do Patrocínio (1853-1905);
- João da Cruz e Souza (1861-1898).

Observando os autores mencionados, não encontramos nenhuma autoria feminina negra. Decerto, este silenciamento da voz feminina na literatura se associa a aspectos de exclusão e racismo, constituindo-se como ecos relevantes de traumas que envolvem as relações raciais e de gênero no Brasil, temática esta merecedora de uma ampla discussão, visto que:

A dupla marginalização da mulher negra imprime a seus escritos características próprias, tanto no tocante à sua produção quanto à sua circulação. De forma sucinta, podemos mencionar que entre as escritoras negras, apesar do romance de Maria Firmina dos Reis, *Úrsula* (1859), publicado no século XIX, grande parte da literatura produzida por esse grupo duplamente discriminado tem sido publicada em canais alternativos. (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 344)

Estes canais alternativos surgiram após os anos 60 e lidam especificamente com a discussão do “ser negro”. O grupo *Quilombhoje* formou-se em 1978, sendo o criador da série *Cadernos Negros*¹, para o qual Conceição Evaristo contribui até hoje com os seus escritos de sua literatura afro-brasileira.

Outros grupos também surgiram e partilharam da mesma condição marginalizada: *Negrícia*² e *Gens*³. Diante deste contexto, evidencio a construção de uma literatura para todos, inclusive, a valorização de uma voz negra nesta vertente literária. A respeito desta ideia:

Torna-se claro, portanto, que a literatura afro-brasileira reflete-se na busca da identidade negra no Brasil e seu fortalecimento. Isso se caracteriza no resgate da História e na reconstituição de aspectos ligados à cultura negra através de um olhar que não é mais o do colonizador e do dominador, o qual tenta pacificar a presença do negro na construção da mesma, mas através do olhar do negro como agente. (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 346)

Neste sentido, a literatura afro-brasileira é um espaço propício para reflexões sobre a condição do negro e seus descendentes e sua representação nas artes. Essa literatura também dá ao negro o papel de ser agente principal da sua história, no intuito de dar-lhe voz e (re)conhecimento de sua identidade.

Considerando a apresentação destes argumentos como ponto de partida para a compreensão do que seja a literatura afro-brasileira e se esta pode ser definida, e para compreender de maneira mais eficaz a presença do negro na sociedade e na literatura brasileira, considero os estudos realizados por DUARTE (2008) e EVARISTO (2009).

1.1. Literatura afro-brasileira ou literatura negra: um olhar sob duas vertentes

Atualmente, muitos são os debates acerca da definição de Literatura Afro-brasileira. Autores, críticos de literatura e o público interessado por esta linha literária ainda consideram sua definição como em desenvolvimento. Sob este aspecto, ao ser referenciada como “Literatura Afro-brasileira” ou “Literatura Negra”, ou até mesmo estudada sob a ótica das literaturas de autoria de minorias étnicas e sociais, percebe-se a falta de conceptualização.

¹ Publicação do grupo *Quilombhoje*, de São Paulo. Constitui uma coletânea de contos e poemas, iniciada em 1978, com *Cadernos Negros*.

² O grupo *Negrícia* surgiu nos anos 80, no Rio de Janeiro, marcando presença nas escolas, bibliotecas, comunidades, presídios e nos eventos do Movimento Negro com os seus recitais.

³ Grupo de escritores negros de Salvador, na Bahia.

Primeiramente, observa-se que na busca da autorreferencialidade há uma hesitação relacionada ao uso dos termos “literatura negra” e “literatura afro-brasileira”. Bernd (1987, p. 80) acredita que o primeiro transcende o limite da nacionalidade e idioma e remete a “um espaço ou *território* supranacional e supraidiomático no qual os autores constituem uma mesma *comunidade de destino*” enquanto que o termo “afro-brasileira” reflete somente “uma literatura empenhada em resgatar uma ancestralidade africana”. (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 342)

Dados estes aspectos, a literatura negra tem sido considerada pelos críticos como mais abrangente uma vez que o texto considera as peculiaridades dos negros e seus descendentes o uso do termo literatura afro-brasileira é visto como “limitado”, pois é difícil classificar um texto literário com base na cor do autor.

Apesar das muitas indagações a respeito do conceito de literatura afro-brasileira, alguns critérios são usados na tentativa de conceituá-la, a saber:

o critério étnico (ligação da obra à origem negra ou mestiça do autor); o critério temático (conteúdo literário relacionado aos temas referentes à cultura afro-brasileira); e o que chamaremos de critério de transgressão (o texto como forma de reivindicação e resistência). (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 342)

Considerando estes critérios, o primeiro limita a abrangência da literatura negra, pois, como mencionado anteriormente, é difícil classificar um texto baseado apenas na cor do autor; o segundo critério é considerado mais abrangente, desde que apresente as peculiaridades dos negros e seus descendentes, respeitando o fato de que a literatura brasileira é composta por escritores negros que usam padrões europeus e escritores não-negros que escrevem sobre assuntos relacionadas aos negros e afrodescendentes.

Com o espaço cada vez maior para esta linha literária, Duarte (2008) ressalta a importância de conceituá-la, apresentando para isto, alguns critérios: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público leitor, não sendo vistos de maneira isolada, mais combinando-as entre si.

Baseada na discussão elencada por Duarte (2008), compreendo com uma maior amplitude o que vem a ser literatura afro-brasileira considerando alguns aspectos:

A temática – esta vertente exorta o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, desde a denúncia da escravidão até a glorificação de heróis, bem como as tradições culturais ou religiosas trazidas para o Brasil. Entretanto, o tema negro não é único e obrigatório, trazendo marcas de toda uma história contemporânea;

A autoria – considerado um dos mais controversos, pois não se trata apenas de fatores biográficos e fenotípicos, mas em função da defesa de uma “literatura negra de autoria branca”, sendo importante compreender a autoria não apenas baseado na cor da pele do autor ou sua condição social, mas na própria construção literária os elementos evidenciados em sua produção;

O ponto de vista – este conceito não trata apenas de ser negro ou afrodescendente ou usar apenas o tema, mas é necessária uma perspectiva, uma visão de mundo identificada à história, à cultura africana. Nas palavras de Duarte (2008, p. 15), “o ponto de vista adotado configura-se em indicador preciso não apenas da visão de mundo autoral, mas também do universo axiológico vigente no texto”, ou seja os valores morais e ideológicos os quais embasam os textos são considerados indicadores de uma construção de origem africana que são essência desta literatura;

A linguagem – é marcada pelas expressões de ritmos e significados novos, oriundos da África, é a “construção discursiva marcada pela finalidade estética” Duarte (2008, p. 18);

O público – A formação deste público é marcada pela diferença cultural e anseio da afirmação identitária negra. Para Duarte (2008, p. 20), “o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta-voz de uma determinada coletividade”.

A partir desses fatores, constato a existência da literatura afro-brasileira. Todavia, nenhum desses elementos, vistos isoladamente, propicia o pertencimento ou não da literatura afro-brasileira, mas a sua interação.

Diante desta contextualização e apesar da literatura afro-brasileira não apresentar um conceito completamente definido, atualmente, ela vem passando “por um momento extremamente rico em realizações e descobertas, que propiciam a ampliação de seu *corpus*, tanto na prosa quanto na poesia.” (Duarte, 2008, p. 11). Autores vêm consolidando-se na literatura brasileira, entre alguns, destaco Conceição Evaristo, uma das principais expoentes da Literatura Brasileira e Afro-Brasileira, uma escritora negra de projeção internacional, a qual traz em sua literatura profundas reflexões acerca das questões de raça e de gênero, explorando em seus textos, a essência de suas experiências de sua vida, enquanto mulher, negra, escritora, e toda riqueza de uma literatura, muitas vezes marginalizada, recuperando as memórias de um povo negro em toda a sua potencialidade.

Conceição Evaristo (2009), em seu artigo sobre “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade” também discorre sobre o que pode ser considerado literatura negra, evidenciando a seguinte questão: “Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura,

uma escrita afro-brasileira?” (EVARISTO, 2009, p. 19). Com base nesta reflexão, percebo a Literatura Afro-brasileira associada e sujeita aos problemas enfrentados pelo povo negro e afrodescendentes no período da colonização. Por isso, ainda é duramente discriminada e excluída.

Ao tentar recriar uma cronologia de representação literária do negro no Brasil, o pesquisador/leitor observará que, antes de o escritor negro existir, sua presença no contexto brasileiro histórico é representada através de textos considerados “oficiais” ou dos cânones literários nacionais. Torna-se óbvio, porém, que não foram somente os românticos que excluíram a presença do negro e de sua criatividade textual. A representação do negro na literatura desde o seu início foi apagada; é como se os negros, forçados a cruzar os mares como escravos, tivessem deixado na costa africana todos os seus sistemas, formas, elementos e práticas culturais e religiosas. (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 343)

A ausência, hoje, de um reconhecimento maior para tal literatura também passa por sua pouca valorização no meio social, tanto nos currículos dos cursos de Letras, quanto nas bibliotecas e livrarias. Devido a esta realidade, alguns escritores afro-brasileiros permanecem “silenciados”. Daí a importância da implantação da Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.649/08, que obriga o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, como mecanismos para que os alunos passem a conhecer e valorizar os trabalhos destes escritores.

Neste contexto, no qual Conceição Evaristo surge como uma das principais expoentes da literatura afro-brasileira, sua escrita propicia reflexões acerca das questões de raça e de gênero, exaltando toda a riqueza da cultura negra, indo contra todo o tipo de preconceito e marginalização. Estabelecendo-se como uma voz negra que persiste na luta contra a desigualdade, Evaristo está comprometida com a crítica social, a ancestralidade e as questões voltadas para a situação da mulher, aspectos que marcam a trajetória de vida da autora e reafirmam a sua identidade, enquanto escritora da literatura afro-brasileira.

1.2. Conceição Evaristo: uma voz negra da contemporaneidade

Uma das principais escritoras da literatura afro-brasileira da atualidade, Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte em 1946, em uma favela no alto da Avenida Afonso Pena. Formou-se professora no antigo curso Normal, em 1971, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em um concurso municipal para magistério e, em seguida, no Curso de Letras na

Universidade Federal daquele estado. Hoje, tem uma projeção internacional graças à profundidade e maestria de sua obra poética e narrativa. Evaristo publica poemas e contos na coletânea “Cadernos Negros” desde 1990, e é chamada para palestras e congressos em todo o Brasil e no exterior, nos quais aborda as questões de gênero e etnia na literatura brasileira.

É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC/RJ e doutoranda em Literatura Comparada na UFF. Há mais de uma década, vem participando de vários colóquios nacionais e internacionais, proferindo conferências, recebendo homenagens, participando de debates etc. Esteve como palestrante, em 1996, nas cidades de Viena e de Salzburgo, Áustria, falando sobre literatura afro-brasileira. Com textos publicados nos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha. Conceição revela a riqueza do universo negro feminino, desvendado na literatura afro-brasileira.

A autora traz marcas de um passado que deixa transparecer em suas obras. Ainda na infância, ouviu muitas histórias e de sua mãe guardou os cadernos com fragmentos de histórias, de pensamentos e frases importantes. Desde muito cedo, Conceição Evaristo demonstrava o interesse pela leitura, o que alimentava o seu universo criativo, guardou em sua memória acontecimentos e pessoas dessa época, que, algumas vezes, participam das suas narrativas. Segundo Bosi:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita: mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (BOSI, 1987, p. 31)

Conceição Evaristo cresceu rodeada por palavras, como gosta de enfatizar em suas entrevistas. Isso não significa dizer que vivesse cercada de livros, mas que bebia na fonte da memória familiar através das histórias que os mais velhos lhe contavam.

Conceição Evaristo se utilizou da sua experiência de vida e de suas memórias para transformar em narrativas, poesias, nas quais examina temas complexos, tais como a vida nas favelas, o preconceito racial, a exclusão social, ao mesmo tempo em que fala de amor, esperança e de família, muitas vezes sob uma perspectiva feminina.

A escritora desenvolveu o conceito de “Escrevivência”, que reflete a posição a partir da qual escreve, ou seja, conscientemente compromete sua escrita. Em uma entrevista concedida para o programa online Imagem da Palavra, Conceição Evaristo afirma: “eu acho que pra você escrever, o que opera essa matéria é o mundo, é a vida. Por isso é a escrevivência, se eu me retirar para escrever, pode saber que eu já colhi tudo lá fora” (2012).

Trazendo na essência de suas obras um resgate das vozes de várias escritoras negras silenciadas ao longo dos séculos, para a literatura brasileira, Evaristo contribui com uma importante revisão historiográfica sobre a situação dos afrodescendentes, em particular, das mulheres negras, estas vistas como oprimidas sem um lugar na sociedade, sem voz e nem vez.

Para Conceição Evaristo “a literatura é um lugar de memória” (1996, p. 24). A literatura precisa dessa memória para reafirmar sua identidade e cultura. *Ponciá Vicêncio* é o primeiro romance de Conceição Evaristo, publicado em 2003. A obra narra situações do cotidiano das mulheres afrodescendentes sob uma ótica feminina e negra, onde questões de raça e gênero são apresentados através da construção da protagonista em suas experiências e investigações identitárias, abordando sua vida desde a infância até a fase adulta.

Ponciá Vicêncio (2003) é a expressão de como as lembranças são importantes para a construção da memória social e cultural da mulher negra, e como estas contribuem para a formação da identidade, dentro de uma narrativa com situações de injustiças e esquecimentos. Para alcançar tal entendimento, analiso o romance a partir das memórias de Ponciá, em suas idas e vindas através do tempo, como forma de encontrar a si mesma. Para isso, algumas características do romance serão evidenciadas e discutidas no capítulo seguinte.

2. PONCIÁ VIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A BUSCA POR UMA IDENTIDADE ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS

O enredo de *Ponciá Vicêncio* traça a trajetória da personagem Ponciá da infância à idade adulta, os seus caminhos, as andanças, as marcas e os seus afetos e desafetos, que são descritos no romance através de *flashbacks* que se intercalam com o tempo vivido da protagonista. Descendente de escravos africanos, Ponciá surge já de início despojada do nome de família, pois o sobrenome “Vicêncio” é herdado do dono da terra em que sua família vivia:

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. (EVARISTO, 2003, p.16)

Ainda criança, Ponciá não se reconhece, não possui uma história e nem uma identidade. Segundo Toledo (2014, p 268), “a personagem questiona sua própria história, ao mesmo tempo em que segue com sua trajetória de reconstruir, ou desconstruir a própria identidade”. Nota-se uma busca da protagonista em (re)conhecer-se a si própria. Ela se sente como se não fosse ninguém. Ponciá ainda criança se assemelha ao avô, não apresentando características próprias, individuais, principalmente por sua semelhança física com o avô Vicêncio e, mesmo criança, ela faz um boneco de barro idêntico a ele, fazendo com que o povo da vila passasse a afirmar que ela carrega a herança do avô, este que num momento de delírio e indignação com a vida de escravo, mata a esposa e mutila o próprio braço, ficando cotó. Ponciá cresce ouvindo de Nêgua Kainda, uma velha sábia da região, que ela precisa cumprir sua missão, pois carrega sim as marcas do seu avô.

Ponciá vivencia uma infância feliz na vila, junto da mãe e do artesanato que produziam com o barro, porém sente por viver situações precárias de vida. Na narrativa, a protagonista vai sendo apresentada como uma criança que acreditava no que lhe contavam, nas manifestações folclóricas, que se passasse por debaixo do arco-íris viraria menino: “Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Diziam que a menina que passasse debaixo do arco-íris virava menino” (2003, p 17). No decorrer da narrativa a protagonista volta no tempo, procura em seu passado algo que permita conhecer a si mesma, estabelecendo um diálogo entre o passado e o presente, a lembrança e a vivência.

A questão da busca pela sua identidade, centrada da ancestralidade do seu avô, faz com que ela queira descobrir qual de fato são as suas origens. Já adulta, decide migrar para a cidade, em busca de melhores condições de vida, mas acaba indo morar em uma favela, vegetando ao lado de um marido que não a compreende, vítima de sete abortos, acontecimentos que marcam a perda e a busca de uma identidade ancestral que a muito procura. Depois de Ponciá partir para a cidade, seu irmão Luandi José Vicêncio e sua mãe Maria Vicêncio também decidem ir em uma mesma tentativa de encontrar melhores condições e de reencontrar a família e estarem mais uma vez todos juntos.

As lembranças que sempre são trazidas por Ponciá vão construindo toda a narrativa, a memória individual da protagonista está ligada à memória de seus ascendentes africanos. Como ela não conhece o seu passado, assim também não (re)conhece o seu presente, o que aprendeu desde a infância foram as histórias que lhe contavam, as quais sempre estavam vivas em sua memória, que surgiam a cada momento que Ponciá queria compreender qual era a sua origem. Para Bosi (1987):

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficariam surpresos se nos dissessem o seu ponto exato da entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente. (BOSI, 1987, p. 331)

Ponciá carrega marcas de sua origem, porém as desconhece ou até mesmo não as reconhece em si mesma. Neste aspecto, o narrador descreve fatos e momentos importantes do passado dito afrodescendente. Desde pequena Evaristo ouve histórias contadas por sua família e, apoiando-se em sua memória vai “Escrevivendo” (EVARISTO, 2012) sobre a vida. A este respeito, evidencia-se a existência de laços de convivência familiares, uma memória viva e individual tanto na escritora quanto na personagem. Vale ressaltar a existência de uma relação entre a travessia de Ponciá da Vila Vicêncio para a cidade e a travessia de Conceição Evaristo de Minas Gerais ao Rio de Janeiro, ambas em busca de melhores condições de vida, elencando também a importância da família como referência principal para a construção desta identidade, assim como as memórias dos mais velhos, herança identitária familiar ou de um grupo social.

Tomando como ponto de partida a discussão acerca das memórias da velha Kainda, apresentadas no romance, esta guardiã de grande sabedoria por ser a mais velha da Vila, apresentarei algumas discussões sobre as memórias individuais e coletivas como condutoras à uma construção da identidade em *Ponciá Vicêncio* (2003) e o papel assumido pelos mais velhos na cultura africana, e como estes tornam-se os guardiões da memória. Estes argumentos serão embasados pelos estudos realizados por BOSI (1987).

2.1. Os velhos como guardiões da memória: uma aproximação com o romance *Ponciá Vicêncio*

Ao desenvolver neste trabalho a importância da construção da identidade de um indivíduo a partir de suas memórias e/ou de suas origens e, tomando como base a narrativa de *Ponciá Vicêncio* (2003), delinea-se a questão de compreender qual é a origem, o motor de onde surgem as memórias de um povo, seja ela através de seus costumes, religiosidade e/ou tradições. Para tanto, é importante definir o que se entende por memórias. Segundo Le Goff (1990):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o

homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 423)

A memória tem o papel de conservar informações, sejam elas individuais ou coletivas, porém, quando vista e aplicada à vida social, torna-se um elemento também capaz de conservar a tradição e os conhecimentos de uma sociedade, como alicerces para o entendimento do seu presente. Essas informações psíquicas são individuais, mas podem ganhar um âmbito coletivo, à medida que se ligam à vida social. “*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 201), entretanto, a memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, submetido a transformações e mudanças constantes, pois está sujeita a diferentes épocas, situações e pessoas, ou seja, são características próprias de cada sociedade:

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. (POLLAK, 1992, p. 204)

Neste sentido, a memória está sempre em construção, ela não está limitada a um tempo determinado, a uma época específica, pois é um fenômeno que pode fazer uma releitura do passado em um processo contínuo e capaz de transformar o presente. É importante ressaltar que apesar da memória, tanto individual quanto coletiva ser mutável, estarem em constante transformação:

Em certo sentido, determinado número de elementos tomam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificarem em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala. (POLLAK, 1992, p. 201)

A personagem Ponciá lança-se em suas lembranças recordando fatos da sua infância, como a superstição de que se passasse por debaixo do arco-íris mudaria de sexo, sendo um elemento presente na trajetória de vida da protagonista e mantêm-se cada vez mais intenso em suas lembranças, numa busca de reconhecer-se enquanto pessoa, em uma busca interior que a faz em alguns momentos sair de si mesma a procura da sua verdadeira identidade.

Neste (re)conhecimento da identidade, vivenciada por Ponciá, ela recorre às suas lembranças, de forma a buscar a sua origem, através de um sentimento de herança identitária, que ao longo da narrativa vai sendo apresentado por Nêngua Kainda.

Considerando este aspecto, pretendo refletir sobre a representação do “velho”, sua função social como guardião da memória e da tradição de um povo. Estes conservadores do passado mantêm relação com o presente, no que se refere à tradição dos conhecimentos e à contribuição na formação identitária dos mais novos, através das suas vivências e experiências de uma vida ou das muitas histórias que ouviram, apropriam-se das suas memórias, como verdadeiros guardiões do passado. Daí sua importância para a manutenção da vida e do sentido.

Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles receberam mais cedo que os outros mas também porque eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. (BOSI, 1987, p. 23)

Muitas crenças, mitos e tradições eram transmitidos via oralidade e, desta forma, os conhecimentos eram transmitidos de geração a geração, e muitas deles eram perpetuados pelos “velhos” como maneira de ensinar a uma geração mais “nova” a sua origem, sua identidade. Tais narrativas orais não devem ser vistas como particulares, individuais ou até mesmo fantasiosas, tratam-se de histórias fundamentadas em uma vida de experiências, de interação cultural de uma sociedade, pois é contando histórias que os “velhos” recriam o seu passado e transformam a sua realidade.

Assim, tornam-se importantes as narrativas e a construção da memória histórica de uma sociedade, pois,

As narrativas, tal qual os lugares de memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar a arte de contar, de traduzir em palavras reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. (DELGADO, 2003, p. 21, 22)

As histórias orais são importantes como forma de transmissão de experiências mais simples até acontecimentos que marcaram uma humanidade. Através delas um indivíduo conhece a sua história, sendo importantes para a transmissão das heranças identitárias e tradições de um povo.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis

vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilham das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. (THOMPSON, 1992, p. 44)

Nesta perspectiva, pode-se encarar a oralidade com uma função social, que vai muito além de narrar uma história. Ela atravessa gerações, une pessoas. Para as sociedades africanas tradicionais, as narrativas orais ganham força, pois elas são os alicerces da preservação de seus valores e crenças, transmitindo o legado de uma cultura aos membros de uma sociedade, o seu (re)conhecimento identitário e pertencimento a este grupo.

Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade* (1987), mostra como as pessoas mais velhas revelam suas experiências através da memória. Esta torna-se mais significativa para eles do que para um jovem ou para um adulto que possui uma vida mais ativa e não tem muito tempo para relembrar. Esta “tarefa” de relembrar fica para os velhos que quando lembram estão se ocupando, se interessando pelo passado. Para muitas civilizações antigas, os velhos são guardiões das tradições, respeitados e valorizados por desempenharem esta função:

Ele, nas tribos antigas, tem um lugar de honra como guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição. Não porque tenha uma especial capacidade para isso: é seu interesse que se volta para o passado que ele procura interrogar cada vez mais, ressuscitar detalhes, discutir motivos, confrontar com a opinião de amigos, ou com velhos jornais e cartas em nosso meio. (BOSI, 1987, p. 40)

A pessoa mais velha mantém um vínculo com outra época, a certeza de ter várias experiências, acontecimentos distintos. A consciência de ter suportado muita coisa traz uma alegria para o velho, uma ocasião de mostrar tudo o que viveu, sua competência.

Os acontecimentos da vida em comunidade, e mesmo das experiências mais solitárias da vida humana, são sinais exteriores, são estímulos para o afloramento de lembranças e reminiscências, que constituem o estofo do tempo da memória: individual, local, comunitária, regional, nacional ou mesmo internacional. (DELGADO, 2003, p. 19)

Os mais velhos trazem marcas de uma vida cheia de experiências e vivências, alegrias e decepções, estas vividas em diferentes épocas, em distintas situações que se entrelaçam a uma realidade com os mais novos, ultrapassando as lembranças de uma vida individual, isolada.

Tendo-se uma construção de identidade a partir de uma memória individual e coletiva, em uma dinâmica de relembrar, os guardiões da memória trazem para si imagens de lugares, pessoas que se encontram, marcas de uma vida cheia de significados, tornando-se subsídios indispensáveis para se compreender o presente e o desenvolvimento de uma sociedade.

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registraram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se a cronologia atual e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. (DELGADO, 2003, p. 19)

Em *Ponciá Vicêncio* percebe-se a relação que a protagonista mantém com as suas lembranças, que de forma não linear vão tomando o espaço e construindo todo o romance. Logo no início da narrativa, nota-se a relação que a protagonista mantém com o seu passado, pois, ao ver o arco-íris no céu, lembra-se da sua vida enquanto criança, no tempo quando ia buscar barro na beira do rio.

A protagonista cresceu ouvindo de todos que ela carregava consigo a herança do seu avô Vicêncio, este, ainda escravo, num momento de loucura, mata a esposa e corta o próprio braço, e é esse braço cotó que Ponciá imita desde pequena, tornando-se uma referência para ela, pois mesmo Ponciá sendo muito pequena quando ele morreu, apresenta as características do avô e modela um boneco de barro idêntico a ele, o que leva o povo a afirmar sobre a herança que Ponciá carrega do avô:

Surpresa maior não foi pelo fato de a menina ter andado tão repentinamente, mas pelo modo. Andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. Fazia quase um ano que Vô Vicêncio tinha morrido. Todos deram de perguntar por que ela andava assim. Quando o avô morreu, a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? (...) Só o pai aceitava. Só ele não espantou ao ver o braço quase cotó da menina. Só ele tomou como natural a aparência dela com o pai dele. (EVARISTO, 2003, p. 13)

Percebe-se que o enredo conduz Ponciá ao encontro desta herança, quando mencionada pelo pai quando da morte do avô, a semelhança física entre a menina e o avô, assim como a figura do velho moldada no barro. A figura de Vô Vicêncio, personificada no barro, remete à ancestralidade de Ponciá e à busca por sua identidade. “A ancestralidade é o referencial

identitário que irmana as diferentes gerações.” (FONSECA, 2003, p. 64). Neste contexto, Ponciá traz consigo a inquietação de não conhecer as suas origens, na mesma medida em que para Nêngua, ela deve cumprir a sua herança.

Nesta visão, torna-se importante, nesta pesquisa, analisar a personagem Nêngua Kainda que guarda as memórias da vida de Ponciá e a ajuda nesta busca por sua identidade, sendo também o elo que une a protagonista à sua ancestralidade.

2.2. A herança ancestral da “velha” Kainda para o re(conhecimento) da identidade de Ponciá

A herança de Vô Vicêncio, deixada para sua neta, é também lembrada por Nêngua Kainda, esta descrita na narrativa como uma “mulher sempre velha, muito velha como o tempo” (EVARISTO, 2003, p. 95). Sua presença ancestral apresenta-se de maneira decisiva para Ponciá descobrir e tomar para si sua identidade. Na Vila Vicêncio, Nêngua era vista como uma autoridade e todos a respeitavam, pediam conselhos e a benção antes de tomar decisões, pois como descrito na narrativa ela “tudo sabia, mesmo se não lhe dissessem nada” (EVARISTO, 2003, p. 128). Nêngua, detentora de uma sabedoria ancestral, está presente em momentos importantes da vida de Ponciá,

Na vila, Nêngua ocupava uma posição de autoridade, de conselheira, por isso profetiza o destino da protagonista, quando Ponciá, depois de passar anos na cidade, volta à vila em busca dos seus e não encontra ninguém: “(...) para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria. Mais cedo ou mais tarde, o fato se daria, a lei se cumpriria” (EVARISTO, 2003, p. 60).

Luandi, irmão de Ponciá, assim como a irmã também parte para a cidade e, ao regressar à vila, procura Nêngua, na esperança de tornar-se soldado, já que a velha representava uma autoridade na vila. É nesta conversa que Nêngua repete a profecia sobre a vida de Ponciá e questiona Luandi a respeito de como ele está levando sua própria vida. Ela afirma que a sua missão é encontrar a irmã e a mãe, lutar em defesa dos seus, numa tentativa de reunir os fragmentos de sua própria história, assim como Ponciá também o faria.

No final do romance, Nêngua Kainda apresenta-se novamente como a guia, pois é ela o braço condutor do destino de Luandi ao encontro de sua mãe na cidade. Luandi, após a morte de Bilisa, a prostituta por quem fora apaixonado, recolhe-se em um sentimento de pura desilusão. É neste período que ele tem um sonho, um prenúncio da chegada de Maria Vicêncio, sua mãe, à delegacia:

Luandi vê-se cercado por todas as mulheres que marcaram a sua vida: Vó Vicência, a mãe, a prostituta Bilisa, a irmã, Ponciá e muitas outras mulheres do povoado onde vivera - todas orientadas pela velha Nêgua Kainda que, finalmente, entregava Maria Vicêncio para ele (EVARISTO, 2003, p. 122)

Neste sonho de Luandi, fica evidente a forte perspectiva feminina na construção da narrativa e a importância desta figura dentro da cultura afrodescendente.

Neste contexto, as mulheres apresentadas no romance, juntas neste sonho/visão de Luandi, ressaltam a figura feminina como ser portador de sabedoria, que através das várias gerações, situadas em diferentes contextos, tem a missão de preservar a memória cultural de um povo. A partir desta ideia, a personagem Nêgua Kainda apresenta-se como detentora do conhecimento e da riqueza para os moradores da Vila Vicêncio, ocupando uma posição de destaque num papel de autoridade e respeito.

A personagem Nêgua Kainda possibilita a valorização de uma memória ancestral para a construção da identidade da protagonista. O romance permite um resgate aos valores e tradições africanas, criando novas representações da figura negra, nos fazendo questionar sobre o seu papel e lugar na sociedade brasileira, aspectos que podem ser inseridos no currículo escolar promovendo a diversidade tão necessária para a formação educacional.

3. A LITERATURA COMO FORMAÇÃO DO ALUNO/LEITOR

A literatura introduziu-se na escola desde o começo da história desta instituição. Atualmente, o ensino da literatura volta-se para a formação de alunos/leitores. A execução dessa tarefa tem na literatura uma atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A este respeito:

A experiência da leitura decorre das propriedades da literatura enquanto forma de expressão, que, utilizando-se da linguagem verbal, incorpora a particularidade dessa de construir um mundo coerente e compreensível, logo, racional. Esse universo, da sua parte, alimenta-se da fantasia do autor, que elabora suas imagens interiores para se comunicar com o leitor. (ZILBERMAN, 2008, p. 17)

Por sua vez, a literatura é alimentada pela fantasia do autor, elaborando suas imagens interiores para se comunicar com o leitor, ou seja, a literatura lida com a ficção mais exacerbada sem perder o contato com a realidade, pois, ao escrever o autor concilia a imaginação à ordem sintática da língua.

Por isso, a literatura não deixa de ser realista, não deixando de ser sempre original. Então, de que maneira introduzi-la na sala de aula? De que forma fazer com que os alunos a enxerguem como um patrimônio a ser explorado? Como desenvolver aulas de literatura que despertem no aluno o desejo de querer aprender?

Uma das discussões mais frequentes entre professores de língua, que se estende, também, ao ensino de literatura é que os alunos não gostam de ler. Afinal, por que isto acontece? Neste aspecto, a ideia a ser discutida é o motivo desta realidade, evidenciando o funcionamento da sala de aula como fator que pode contribuir para solucionar este problema. Outros fatores também são evidenciados, como o espaço cada vez menor para a leitura, tanto dentro da escola quanto fora dela e até mesmo a própria formação de uma grande parte de professores, não leitores, que, diante desta realidade, têm de ensinar o seu aluno a ler e a gostar de ler. A este respeito, Kleiman (2002) afirma que:

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido. (KLEIMAN, 2002, p. 16)

Para a maioria dos alunos, o primeiro contato com a leitura não é uma atividade prazerosa, no conforto do seu lar com leituras que para eles despertem o interesse e a curiosidade, mas

uma prática cansativa de cópias repetitivas e sem sentido. Após este primeiro contato com a palavra escrita, a imagem negativa dos livros e da leitura se mantém, e algumas práticas do professor contribuem para que esta desilusão permaneça. Tais práticas desmotivadoras influenciam a formação do não-leitor, o qual acumula ideias errôneas em relação à leitura e escrita, de que estas são chatas e não significantes para a sua vida.

Algumas concepções de leitura são bastantes relevantes para o ensino da literatura, é comum encontrarmos nos livros didáticos, textos que servem de pretexto para desenvolver uma série de atividades gramaticais, ou seja, o professor utiliza o texto para ensinar análise sintática. Outra forma de trabalhar o texto é apenas a retirada de um conjunto de palavras, cujos significados devem ser extraídos um por um e só depois chegar à mensagem do texto, tornando o texto um depósito de informações.

Esta prática de leitura acaba transformando o leitor em um ser passivo que não consegue construir o sentido do texto, pois está muito preso ao significado das palavras, isoladas do contexto. Muitos adultos que se consideram bons leitores não conseguem tornar significativo um trecho, pois lhes falta conhecimento prévio e acabam construindo uma interpretação inconsistente do texto como um todo.

Outra prática de leitura muito empobrecida baseia-se em atividades de decodificação, isto é, uma série de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas numa pergunta ou comentário. Em outras palavras, para o aluno chegar à resposta de uma pergunta basta passar os olhos pelo texto e procurar trechos idênticos à pergunta. Solicitar a opinião do aluno após a leitura do texto, desconsiderando a opinião do autor, pode levar os alunos a fazerem a interpretação do texto da forma que eles acham que deve ser, que também é uma prática que passa por leitura e que não é apenas decodificação.

Uma prática que inibe, ao invés de promover, a formação de leitores é o uso da leitura como avaliação, é a preocupação com a leitura em voz alta. Porém, se o objetivo for verificar se o aluno conhece as letras, a pontuação, e se na sala de aula tiver espaço para a leitura silenciosa, então a leitura em voz alta pode ser a melhor forma de avaliar este conhecimento. Entretanto, a leitura em voz alta torna-se mais eficaz se o objetivo for a apreciação estética da linguagem.

A leitura que é cobrada mediante resumos, fichamentos, em relação ao número de páginas, pode ser uma atividade desmotivadora para o aluno. A concepção autoritária da leitura parte da ideia de que há apenas uma maneira de abordar o texto e uma interpretação, ou seja, a participação dos alunos e os seus conhecimentos são dispensáveis.

Observei na sala de aula como essa prática se desenvolve, quais são as dificuldades enfrentadas pelos docentes e discentes. A realidade encontrada neste trabalho mostra que o ensino não está sendo eficaz, ou seja, não está alcançando os resultados desejados. A maior dificuldade enfrentada pelo professor, portanto, é promover um ensino dinâmico e motivador. Seus métodos ainda são bem tradicionais, apenas com explicações no quadro e com pouca ou quase nenhuma interação dos alunos.

Na sala de aula, percebe-se que a leitura é realizada, porém, com a finalidade ou ponto de partida para as aulas de gramática. Diante de tal discussão, se as somarmos com as atividades de leituras realizadas em sala de aula, o resultado é a falta de interesse do aluno. Muitos professores questionados sobre como realizam a leitura em sala de aula, consideraram a leitura como uma opção para o ensino da gramática ou o estudo de outros temas relacionados ao primeiro texto, isto é, a prática da sala de aula não propicia a interação entre professor e aluno.

Especificamente em salas iniciais, nas aulas de leitura, o professor serve como mediador entre o aluno e o texto, ou seja, ele aproxima o aluno do texto. Porém, para que o professor consiga despertar o interesse pela leitura em seu aluno, é necessário o seu conhecimento na área específica de leitura, no intuito de evitar a propagação de conceitos que afastem os alunos dos livros, e sim, aproximem, tornando as aulas de literatura mais prazerosas e não um fardo.

Pensando nesta ideia motivadora de tornar as aulas de literatura mais prazerosas, percebo a importância de serem trabalhados no ambiente escolar temas que fazem parte da realidade do aluno, bem como as questões étnico raciais – temática tão presente em nosso cotidiano e que gera tantas discussões em relação à diversidade cultural – que possam conduzir o aluno a refletir sobre a sua realidade. Daí surge a necessidade de se trabalhar com a literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo, especificamente, com o seu romance *Ponciá Vicêncio* (2003), o qual apresenta em sua narrativa uma construção de valores e resgate das origens dos personagens, numa tentativa de, assim como Ponciá, os alunos resgatarem os seus valores e entendimento sobre a sua identidade.

3.1. A importância da Literatura Afro-brasileira no contexto escolar

A Literatura Afro-Brasileira volta-se para textos literários que valorizam e discutem questões sobre a identidade e cultura africana, a fim de valorizar a identidade de um povo, muitas vezes, rejeitado e oprimido. Apesar de muito se falar sobre esta literatura em nosso país, os seus conceitos, ainda, são vistos, em construção e desenvolvimento. Para Conceição Evaristo

(2009), “nomear o que seria literatura afro-brasileira e quais seriam os seus produtores é uma questão que tem suscitado reflexões diversas”, ou seja, ainda surgem discussões acerca da questão sobre o que se considerar como Literatura Afro-Brasileira.

Para Evaristo (2009), é suscitada a questão da não existência de uma Literatura Afro-Brasileira, ressaltando-se que:

Contudo, há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira. Apegam-se à defesa de que a arte é universal, e mais do que isso, não consideram que a experiência das pessoas negras ou afro-descendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas. (EVARISTO, 2009, p. 17)

A negação de alguns estudiosos sobre a existência de uma literatura negra ou afro-brasileira, pode ser entendida como também uma negação da origem e cultura de um povo, já que a literatura está entendida como um ato de expressão, seja através da oralidade ou escrita de um indivíduo ou de um povo, também não existiria. Compreendo que a mistura de raças e culturas ligada à população brasileira dificulta a definição de uma obra como literatura afro-brasileira, mas esta não deixa de existir.

Outras questões são elencadas quanto à seleção dos textos literários, ditos “afro-brasileiros” ou “negros” serem variados, um deles seria a representação do negro no texto, outra ideia seria a cor da pele o entendimento quanto à questão do sujeito autoral do texto e a sua “insinuação”, enquanto voz que se enuncia no texto.

Atualmente, verifica-se a ocorrência de muitas manifestações de racismo por uma grande massa de pessoas, atitudes estas muitas vezes cometidas de maneira velada, mas que violam os direitos humanos causando grande sofrimento e constrangimento às vítimas. Este trabalho coloca em questão o ambiente escolar como um espaço de manifestações de discriminação, tanto por parte de alunos e professores, quanto pela equipe escolar.

Muito se tem avançado a respeito das conquistas alcançadas pela comunidade negra no Brasil, especialmente após o ano de 1997, a partir da lei 9459, assim como o movimento negro, iniciado nos anos 80, elencou a reinterpretção da realidade social e racial brasileira. Tais reivindicações favorecem a ocorrência de uma ausência de qualquer tipo de discriminação às atitudes preconceituosas ou discriminatórias no livro didático, ou seja, a partir da implantação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) fez-se com que quaisquer considerações racistas, atribuídas ao negro, fossem excluídas do livro didático. Os autores dos livros didáticos passam a ter a preocupação de não considerarem nos livros qualquer ato racista

levando em consideração que o livro é um importante instrumento pedagógico, o qual pode criar fortes influências para os alunos. A este respeito Fonseca (1999), nos diz:

O livro didático e a educação formal não estão deslocados do contexto político e cultural e das relações de dominação, sendo, muitas vezes, instrumentos utilizados na legitimação de sistemas de poder, além de representativos de universos culturais específicos (FONSECA, 1999, p. 204).

Daí a importância desse material intervir de forma satisfatória na formação dos alunos, pois, se bem trabalhados em sala de aula, as discussões resultantes se tornarão uma base de reflexão sobre as atitudes que os alunos apresentam na sociedade em que estão inseridos. Percebe-se, então, a necessidade de valorização da cultura africana dentro das escolas, um resgate da história como subsídio para os alunos procurarem conhecer suas origens e história com base em autores negros ou afrodescendentes.

Tomando como base tais reflexos, considero a importância de que os professores de Língua Portuguesa também considerem estas questões, planejando as suas aulas, levando em consideração as necessidades e o meio social de seus alunos. A literatura pode ser um forte instrumento para alcançarmos este objetivo.

A Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.649/08, objetiva o acesso nas escolas ao conhecimento sobre a História e Cultura Afro-Brasileira, que nenhum de nós de gerações anteriores recebeu, possam contribuir de forma mais efetiva para um Brasil democrático, pautado no respeito à diversidade. Um Brasil que acredite na igualdade racial porque valoriza suas matrizes africanas, porque reconhece as contribuições da África e de seus descendentes para a formação do país.

A literatura afro-brasileira tem um papel social importante no ensino, o de mostrar aos alunos a diversidade cultural de um povo e, através da história da formação cultural e origem desse povo desmistificar preconceito, contribuindo para a formação de alunos/leitores mais comprometidos com a realidade, muitas vezes, de suas origens. O educador tem que sentir as atitudes do mundo a sua volta e começar a inserir esta literatura no ensino e repensar suas práticas educativas. Muitos professores também não inserem essa literatura por não terem conhecimentos sobre ela. Os próprios alunos, ao falar da África, citam termos pejorativos, o que acaba constringendo alguns alunos por se enquadrarem no padrão de negro ou mulato, sendo vítimas de brincadeiras racistas.

A respeito, desta realidade e das leis contra o racismo, estas práticas são, ainda, existentes na sociedade. É preciso muito trabalho para diminuir o racismo e enxergar a escola como sendo

o primeiro lugar para começar a conscientizar os alunos para tornarem-se adultos com opiniões formadas conscientes da sua origem e terem orgulho disso.

Quando pensamos em desenvolver aulas de literatura afro-brasileira, poucos autores são mencionados nos livros didáticos e os poucos citados, muitas vezes, passam despercebidos, tanto pelos professores, quanto pelos alunos. Diante desta realidade, entendo a literatura afro-brasileira como um suporte para compreender a formação e construção da identidade do nosso país. A leitura de poetas modernos e contemporâneos é um incentivo para despertar este interesse nos alunos. Dentre os autores que desenvolvem suas obras sob a temática negra e afrodescendente, destaco Conceição Evaristo, com uma voz primordial no tocante à literatura negra feminina.

Tomando como referência o estudo sobre o romance *Ponciá Vivência* e a sua construção através das memórias da protagonista, a valorização de toda uma cultura que vai sendo apresentada sob o olhar de Ponciá surge a inquietação de numa visão, enquanto professora, levar para a sala de aula, instigar os alunos a reconhecer uma cultura que foge da realidade do negro colonizado e chega a um contexto de valorização de uma identidade através da literatura.

3.2. As memórias em *Ponciá Vivência* - um fio condutor para o (re)conhecimento da nossa própria história: uma proposta didática

Numa sociedade onde as pessoas vivem em condições não igualitárias, é difícil romper com o preconceito e a discriminação. Em se tratando de Brasil, vemos que a nossa sociedade é impregnada de racismo, estabelecendo-se como espaço de disseminação da discriminação à população negra de nosso país. Sabe-se que vivemos em um país composto por várias etnias: europeus, africanos, índios e outros povos que compõem a sociedade brasileira. Diante desta realidade, tornam-se questionáveis as práticas racistas já que somos um povo miscigenado, formado a partir da mistura de distintas culturas.

Essa diversidade cultural reflete-se no ambiente escolar, espaço característico onde se inicia a vida cultural de um povo, a escola. É no ambiente escolar que as várias histórias trazidas pelos alunos e professores se cruzam, cada uma com suas particularidades e interesses. É esta interação que possibilita uma maior aprendizagem, em que um aprende com o outro. O diálogo é a base que norteia esta prática, expor as realidades de ambos os sujeitos contribuem para que estas “etnias” presentes na sala de aula se encontrem e se conheçam, se consolidando como apenas uma. Nesta construção de conhecimento, é importante o professor ser o mediador na

sala de aula, conduzir as aulas de forma que esta venha intervir na realidade dos seus alunos de maneira positiva, fazendo-os refletir sobre a sociedade em que vivem.

Diante desta breve discussão, considera-se importante desenvolver intervenções, aulas com textos de autoria negra e afrodescendente, em sala de aula, no intuito de desmitificar esta ideia do preconceito, inclusive literário, promovendo diálogos com os alunos acerca do racismo, buscando construir nos alunos um novo olhar tanto sobre o negro, quanto sobre a literatura afro-brasileira. Neste contexto, é de suma importância trabalhar com textos que valorizem esta identidade cultural, para que esta vá ao encontro da realidade do aluno e este, consiga valorizar a sua história, conseguirá reconhecer e assumir a sua identidade.

3.3. Justificativa

Após um longo período de opressão e discriminação da figura negra na sociedade brasileira, onde muitos negros foram marginalizados e tratados como seres incompletos, sem direitos, tanto no ambiente familiar quanto no meio social, visto que, tal discriminação são traços culturais e sociais, atualmente, ainda enxergamos traços destes vestígios de preconceito. A este respeito, considero válida e indispensável a discussão em sala de aula sobre um tema tão instigante e reflexivo sobre a nossa sociedade, permitindo aos alunos uma análise quanto aos direitos humanos e o respeito a esta minoria social, entendendo, assim, a literatura como uma ponte para a reflexão de nossa atual sociedade.

Considero importante levar para a sala de aula textos de autoria negra, e Conceição Evaristo é uma das autoras afro-brasileiras que, em suas produções literárias, traz uma perspectiva feminina em uma constante busca, lutando contra o preconceito, a opressão e a injustiça social. Neste sentido:

A obra de Conceição Evaristo, no contexto histórico da produção literária brasileira, permite resgatar as vozes de várias escritoras negras silenciadas ao longo dos séculos, para estabelecer uma (re)leitura crítica da historiografia literária brasileira, promovendo um diálogo entre os próprios textos inscritos às margens de cânone literário oficial. (TOLEDO, 2014, p. 256)

A literatura afro-brasileira reflete-se na busca da identidade negra no Brasil e seu fortalecimento, levá-la para a sala de aula é uma forma de mudança, de conscientização dos alunos e de aceitação de suas raízes. Este resgate da cultura negra através da literatura permitirá

ao aluno criar uma ponte entre sua história e sua realidade, ajudando-o na construção de sua identidade e no respeito a diferentes etnias.

Atualmente, é necessário lutar por uma reflexão sobre as relações étnico-raciais que devem ser assumidas no planejamento escolar, integradas ao cotidiano das escolas. De acordo com os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba:

Tendo em vista a Lei nº. 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que determina no Currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas”, dentro do qual se insere o ensino das Literaturas Afro-Brasileiras e Africanas, faz-se necessário introduzir nos estudos literários poetas afro-brasileiros e africanos de Língua Portuguesa. (2006, p. 84)

Com esta lei sendo sancionada, em 2003, fez-se necessário produzir material didático específico, no intuito de valorizar a herança cultural africana e os seus descendentes, porém, muitas vezes, não é o que acontece nas instituições escolares, que não possuem os materiais necessários sobre este contexto, os próprios livros didáticos que limitam-se ao falar de Literatura Afro-Brasileira, bem como, os professores devido à falta de conhecimentos sobre o assunto.

Percebe-se que muitos docentes “resistem” em desenvolver aulas de literatura com elementos que reforcem a memória negra e o cotidiano de desigualdade social e preconceito, pois, não “compreendem” o quanto esta metodologia pode ser eficaz para desmistificar o preconceito e discriminação ainda existentes e tão fortes na nossa sociedade.

Para o desenvolvimento deste projeto e com base na obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino, alguns aspectos foram considerados para o desenvolvimento de aulas de literatura, trabalhando com textos de autoria negra feminina.

A obra de Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2003), examina temas complexos, tais como a vida nas favelas, preconceito e exclusão social. Ao mesmo tempo, ela fala de amor, esperança e realidade. Muitos destes aspectos são apresentados pela protagonista, através das suas memórias. Temas tão atuais podem ser trabalhados em sala de aula porque partem da realidade de muitos alunos. A leitura do romance contribuirá para que o aluno tenha por base a sua própria vida, suas próprias memórias, e tracem um comparativo com as descritas no romance.

3.4. Diagnóstico da instituição

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Lourdes Araújo está localizada na Avenida João Pessoa, nº 188, Tibiri II, Santa Rita – PB, sob a direção de Walquíria de Lourdes Moura Pereira e da adjunta Fernanda Borba Cabral, não possuindo supervisores, orientadores, psicológicos ou coordenadores. A escola possui um Projeto Político Pedagógico. Atende a alunos de nível econômico baixo e médio de distintas localidades: Tibiri II, Heitel Santiago, Marcos Moura e Várzea Nova, bairros próximos à escola. A instituição de ensino funciona nos turnos da manhã, tarde e noite, com cerca de 650 alunos e 46 funcionários, os quais são graduados e, alguns deles, doutores.

A instituição possui um número acentuado de evasão, principalmente no turno da noite. Os motivos alegados pela direção foram problemas pessoais dos próprios alunos.

A escola é bem organizada, ampla e está bem dividida: são 6 salas de aula, sala de diretoria, sala de professores, quadra de esportes coberta, cozinha, banheiro dentro do prédio - masculino e feminino, sala de secretaria, refeitório. Porém, não disponibiliza recursos, tais como multimídia, televisão, dvd, impressora e aparelho de som.

3.5. Sequência Didática

- Ano: A intervenção foi realizada em uma turma do EJA do 3º ano do Ensino Médio;
- Tempo estimado: O tempo estimado foram de 4 aulas;
- Conteúdos desenvolvidos: Gêneros Textuais: Poesia, Romance e Memórias.

3.6. Objetivos

Geral:

- Analisar o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, considerando a sua autoria negra feminina e os aspectos vivenciados pela protagonista na busca incansável por sua identidade, através de suas memórias individuais e coletivas.

Específicos:

- Discutir as relações étnicas no ambiente escolar a partir das aulas de literatura;
- Refletir acerca da importância da literatura afro-brasileira, com vistas ao combate do racismo;

- Promover a valorização e a análise da obra literária *Ponciá Vicêncio* e a reflexão sobre conceitos e estereótipos acerca do negro;
- Refletir sobre as especificidades do uso da linguagem na produção das obras literárias;
- Identificar as características dos gêneros textuais “Romance, Poesia e Memórias”;

3.7. Objetos de análise

- Conceição Evaristo, vida e obras;
- Poema Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo;
- As representações da mulher negra em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo;
- A construção da identidade de Ponciá, através de suas memórias.

3.8. Materiais necessários

- Recursos multimídia;
- Atividades impressas;
- Livro *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo;
- Poema Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo.

3.9. Procedimentos Metodológicos

Para a elaboração das aulas, em alguns momentos, estamos levando em consideração que as aulas são de 30 minutos, porém algumas são seguidas, equivalentes a 60 minutos, em uma mesma turma de 3º ano.

1ª e 2ª aula: 30 min.

Conteúdo: Poema Vozes-Mulheres

Objetivo específico: Desenvolver o senso crítico do aluno a partir do gênero textual poema, introduzindo a literatura Afro-Brasileira através da autora Conceição Evaristo.

- Problemática: Promover um diálogo com a temática voltada para " O que pensamos quando falamos da África?" Para que os alunos possam sugerir adjetivos que caracterizem a visão que na maioria das vezes temos sobre a África: fome, preconceito, exploração, escravidão, doenças etc... Após este momento, falarei sobre a Literatura

Afro-Brasileira, trazendo alguns relatos e explorando dessa forma a figura da mulher negra no passado e na atualidade, através do poema “Vozes-Mulheres”;

- Depois da socialização discutiremos sobre a autora Conceição Evaristo, negra, pobre e escritora, uma figura que representa a força da mulher negra, através de sua história de vida e de suas narrativas;
- No terceiro momento iremos apresentar a definição de poema, estrutura e forma; em seguida, analisar o poema “Vozes-Mulheres” identificando versos e estrofes.

3º e 4ª aula: 60 min.

Conteúdo: Primeiro capítulo do livro *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo

Objetivo específico: Apresentar a obra de Conceição Evaristo, realizar a leitura do primeiro capítulo, analisando a protagonista do livro.

Problematização: Através da leitura oral, iremos identificar neste capítulo as memórias vividas por Ponciá Vicêncio, uma jovem pobre, negra que morava no interior. A linguagem da autora deixa claro as marcas de sofrimento da mulher negra, vivenciada na personagem de Ponciá, desde a infância de trabalho e fantasias, cercada de sonhos e medos de um dia passar por baixo do arco-íris e tornar-se homem.

A literatura afro-brasileira conta a história de tantas mulheres que se identificam com Ponciá, esta narrativa leva para sala de aula uma reflexão sobre a condição da mulher, em especial, a mulher negra, da exploração, das agressões, do medo; inserir esta literatura é abrir margem para novos debates e ensinamentos, é viver um pouco mais a consciência negra, em nós adormecida. Após a leitura e debate realizarei um questionário em sala de aula.

3.10. Avaliação

O processo avaliativo foi realizado a partir da obtenção de nota, a pedido da professora regente e da participação e aprendizagem dos alunos durante o desenvolvimento das atividades propostas. As ideias desenvolvidas durante as aulas serão avaliadas nas atitudes dos alunos nos trabalhos de grupos, nas discussões e na participação das interações em sala de aula. A proposta das atividades tem como objetivo proporcionar aos alunos a possibilidade de relacionar as diferentes leituras feitas, contextualizando-as e ligando-as entre si, de maneira que possam unir essas reflexões e, a partir disso, construir a sua própria percepção sobre as características dos gêneros e os temas abordados.

3.11. Relato das atividades desenvolvidas

Trabalhar com literatura no ensino médio é sempre um desafio, pois o que observei em sala de aula é que alguns professores se detêm ao livro didático, em sua maioria, trabalhando apenas as escolas literárias, como visto nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 81):

As sugestões metodológicas e orientações de caráter geral que seguem estão ancoradas numa concepção de ensino de literatura que privilegia o contato direto do estudante com as obras literárias de diferentes gêneros e épocas. O fato de ter como meta a leitura das obras desloca o foco do ensino tradicionalmente voltado para uma historiografia excessivamente abrangente, geradora de uma abordagem que põe ênfase no decorar características de autores e estilos de época, para uma prática em que o leitor, diante do texto lido, terá condições de discutir diferentes questões que o enfrentamento com o texto pode suscitar.

Esta proposta não se trata de uma forma de facilitação da leitura, mas propicia um contato maior com a obra, com o objetivo de consolidar a formação de alunos/leitores. Porém, muitas vezes, as obras literárias inseridas no currículo são deixadas de lado, tanto pelos alunos quanto pelos professores. Diante deste contexto, compreendo que algumas atitudes precisam ser repensadas, sobretudo a participação dos professores na tarefa de formar leitores de literatura.

Nesta perspectiva, desenvolvo neste trabalho, aulas de literatura afro-brasileira, sob a ideia de apresentar para os alunos uma nova forma de ver a literatura, podendo relacioná-la com suas próprias vivências, explorando ainda mais a temática da consciência negra que, atualmente, vem sendo trabalhada nas escolas.

Como resultados para a intervenção descrita anteriormente, apresento as seguintes discussões: Para o desenvolvimento das atividades, primeiramente, foi estabelecido o contato com a direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Lourdes Araújo, a fim de conseguir-se a necessária autorização para a observação das aulas e aplicação da intervenção. Constatei neste início uma boa receptividade por parte da direção.

Ao realizar as primeiras observações em sala de aula, em uma das turmas do 3º ano do Ensino Médio, evidenciei o domínio e respeito que a professora tem em relação aos seus alunos, uma profissional comprometida com o seu trabalho e que mantém boa relação com os colegas de trabalho. Ministra as aulas de forma expositiva, iniciando as aulas de forma tradicional, escrevendo no quadro, e os alunos copiando em seus cadernos.

Durante as aulas observadas, percebi que a professora preza pelo bom comportamento e disciplina dos alunos. As relações professor/aluno, aluno/professor são respeitadas durante as aulas, apesar da minha presença em sala de aula os alunos não ficaram constrangidos e questionavam a professora sobre o assunto sempre que achavam necessário. A turma tinha 26 alunos, porém havia poucos alunos presentes. A professora regente cedeu quatro aulas para o desenvolvimento da intervenção e, durante as aulas, poucos alunos estavam em sala.

Em seguida, faço uma breve discussão sobre o desenvolvimento das aulas, foram aplicadas duas aulas seguidas, em dias diferentes, e a participação que os alunos tiveram no decorrer da aplicação, e a aceitação dos mesmos em se trabalhar com obras de autoria negra, considerando as memórias narradas por Conceição Evaristo, em *Ponciá Vicêncio* (2003).

1ª aula

No intuito de despertar a curiosidade dos alunos acerca da temática apresentada, de imediato, percebi que tanto alunos quanto a professora regente não possuíam conhecimento sobre Conceição Evaristo e, conseqüentemente, de suas obras literárias. Então, de início, trabalhei com a sua biografia, o que de imediato chamou a atenção dos alunos, despertando curiosidade e interesse de alguns, o que se tornou mais instigante, pois era algo novo para todos. Aproveitando este interesse, pedi que os alunos, na aula seguinte, pesquisassem e trouxessem para a sala as informações que encontrassem sobre a escritora.

2º aula

A aula iniciou com a leitura dos textos, e para um conhecimento maior da autora, os alunos fizeram uma atividade – em anexo – que continham depoimentos da autora, um incentivo para despertar o interesse por suas obras. E foi o que aconteceu: alguns alunos questionaram sobre como poderiam encontrar seus livros, se eram fáceis de encontrar ou não, outros alunos se mantiveram distantes, não demonstraram interesse em participar da aula.

3 º aula

De início apresentei as características do Gênero Textual Poema – segundo a professora os alunos já haviam feito atividades sobre o assunto – sendo o ponto de partida, sem antes fazer

menção da autoria do poema “Vozes-Mulheres”. Partimos para a discussão e análise do mesmo, a partir de uma perspectiva de construção da memória, seguido de um estudo dirigido – em anexo – os alunos aceitaram bem as atividades, questionavam sempre que necessário.

4º aula

Nessa última aula, apresentei o primeiro capítulo do livro *Ponciá Vicêncio* (2003). Como a memória individual da protagonista está diretamente ligada à memória de seus ascendentes africanos, trazendo tradições, costumes, valores e crendices, e com a discussão sobre estes aspectos, os alunos acabaram trazendo para a aula traços do seu próprio cotidiano. A exemplo de Ponciá, os alunos começaram a questionar-se sobre a sua própria identidade, retomaram as suas lembranças, numa tentativa de assemelhar-se a protagonista trazendo para a aula informações sobre suas histórias, aprendizagem, família, enriquecendo a discussão. A participação da turma foi bastante proveitosa, todos fizeram as atividades, demonstrando interesse na execução dos exercícios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura exerce uma função de extrema importância na construção da identidade de um povo, levar este conceito para a sala de aula contribuirá para que os alunos modifiquem a visão de um negro, com uma trajetória de vida, marcado apenas por questões raciais de uma ideologia inferiorizante.

É esse despertar para a literatura afro-brasileira, o entendimento cultural através de obras literárias negras que precisa ser vivenciado no ambiente escolar. Os alunos estão acostumados a enxergarem o negro apenas sob o ponto de vista de colonização, uma classe inferior, submetidos a todo tipo de humilhação, diante desta realidade, a Lei nº 10.639/2003 busca modificar tal estereótipo.

Neste trabalho, busquei refletir sobre a relevância do ensino da literatura afro-brasileira em sala de aula, bem como sua aplicação em uma turma do 3º ano do Ensino Médio, através do livro *Ponciá Vicêncio* (2003) de Conceição Evaristo. A autora em sua obra descreve o cotidiano da protagonista, entrelaçando o passado e o presente através das memórias e devaneios de Ponciá, numa relação com a sua ancestralidade e aceitação para si. São essas memórias que se tornam um convite para despertar o interesse dos alunos em retomar as suas próprias lembranças e relacioná-las com as apresentadas no romance.

A abordagem de um texto literário em sala de aula, muitas vezes, ocorre de forma errônea e, em vez de motivar uma autorreflexão, acaba sendo usado como forma avaliativa diretamente ligado ao ensino da gramática. O maior objetivo deve ser de tornar a literatura não apenas uma disciplina, mas fazer com que o aluno perceba a importância em sua vida, pois, se a escola visa à formação de indivíduos, então, a literatura deverá ter destaque no currículo escolar.

Reconheço que o incentivo à leitura deva existir. Muitos alunos afirmam que não gostam de ler e somos nós, professores, que temos que tentar mudar esta realidade, sendo imprescindível no Ensino Médio – não que em outras séries deva ser diferente – este zelo pela leitura. A literatura tem um papel fundamental no ensino para mostrar aos alunos a diversidade da cultura, desmistificar preconceito, com um papel social de formar cidadãos críticos e conscientes da sua própria história.

Para que o desejo de ser e agir diferente desperte tanto nos professores quanto nos alunos, o professor precisa sentir as atitudes do mundo e repensar suas práticas educativas. Muitos professores não possuem conhecimentos específicos sobre a literatura afro-brasileira, os próprios e, alunos, ao falar da “África”, citam muitos termos pejorativos, o que acaba

constrangendo alguns alunos por se enquadrarem no padrão de negros ou mulatos. Eles acabam sendo vítimas de brincadeiras racistas e, com isso, fica claro o quanto é preciso desmistificar o preconceito. Mesmo com a existência de leis contra o racismo é preciso conscientizar os alunos para assim eles se tornarem adultos com opiniões formadas cientes e orgulhosos da sua origem.

No entanto, não basta somente aplicar a Lei sem dar subsídios aos professores. As instituições escolares precisam preocupar-se com a qualificação destes profissionais, compreendo que a formação docente é de suma importância. Os professores precisam constantemente buscar a renovação de suas práticas pedagógicas, com o intuito de contribuir para a valorização da cultura negra.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*/ Ecléa Bosi. – 2ª ed. – São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudo de história e teoria literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. História oral, v. 6, p. 9-25, 2003.b Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=62&path%5B%5D=54#>. Acesso em: 14/05/2017.

DUARTE, Eduardo. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S.l.], n. 31, p. 11-23, jan. 2008. ISSN 2316-4018. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2017/1590>>. Acesso em: 21/05/2017.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*/ Terry Eagleton; tradução Waltensir Dutra; Revisão da tradução João Azenha Jr – 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Entrevista: Mês da Consciência Negra - Imagem da Palavra - Parte 1* (2012). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=pwQ4Bxc87PE&noredirect=1. Acesso em: 06/05/2017.

EVARISTO, Conceição. *Literatura Negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1996.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Mazza, Belo Horizonte, 2003.

FONSECA, M. da C. F. *Os limites do sentido no ensino da matemática*. Educação e pesquisa: revista da Faculdade de Educação da USP, p. 147-162, 1999.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Velho e velhice nas literaturas africanas de língua portuguesa contemporâneas*. In: BARBOSA, Maria José Somerlate (Org.). Passo e Compasso: nos ritmos do envelhecer. Edipucrs, Porto Alegre, 2003.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: Teoria e Prática*. 9ª Edição, Pontes, São Paulo, 2002.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. – 10ª ed. - Brasiliense, São Paulo, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*/ Jacques Le Goff, tradução Bernardo Leitão. Editora da Unicamp. São Paulo, 1990.

PARAÍBA. *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. UFPB: João Pessoa, 2006.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 14/05/2017.

ROCHA, Denise. (ORG.). *Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos*. Edição mulheres, Florianópolis, p. 253-274, 2014.

SANTOS, Célia Regina dos; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. *Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais*. In BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (Orgs.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2ª Edição. Maringá: UEM, 2005.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira, 2ª edição, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

ZILBERMAN, Regina. *O papel da literatura na escola*. Via Atlântica, São Paulo, n. 14, p. 11-22, dec. 2008. ISSN 2317-8086. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486>>. Acesso em: 04/05/2017.

ANEXOS

E. E. E. F. M. MARIA DE LOURDES ARAÚJO
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

Aluno(a): _____

Turma: _____ Data: _____

BIOGRAFIA: CONCEIÇÃO EVARISTO

Tendo sido exposta desde pequena às crueldades do racismo, Conceição tornou-se uma escritora negra de projeção internacional, além de uma militante que atua dentro e fora dos marcos da academia: é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e concluiu seu doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Publicou seu primeiro poema em 1990, no décimo terceiro volume dos *Cadernos Negros*, editado pelo grupo *Ouïombhoje*, de São Paulo. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos *Cadernos*, além de uma coletânea de poemas e dois romances, Ponciá Vicêncio (2003) e Becos da memória (2006).

DEPOIMENTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Texto I

A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. (...) Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...) A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado. (EVARISTO apud LITERAFRO, p 2)

Texto II

A ausência de um pai foi diminuída um pouco pela presença de meu padrasto, mas sem dúvida alguma, o fato de eu ter tido duas mães suavizou muito o vazio paterno que me rondava. Aos sete anos, fui morar com a irmã mais velha de minha mãe, minha tia Maria Filomena da Silva. Ela era casada com Antônio João da Silva, o Tio Totó, viúvo de outros dois casamentos. Não tiveram filhos. Fui morar com eles, para que a minha mãe tivesse uma boca a menos para alimentar. Os dois passavam por menos necessidades, meu Tio Totó era pedreiro e minha Tia Lia, lavadeira como minha mãe. A oportunidade que eu tive para estudar surgiu muito da condição de vida, um pouco melhor, que eu desfrutava em casa dessa tia. As minhas irmãs enfrentavam dificuldades maiores. (EVARISTO apud LITERAFRO, p 2)

POEMA: Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe

ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

2ª aula: 30 min.

Após análise e discussão sobre o poema aplicarei, no caderno, as seguintes questões:

- 1º O que é poema? Quais são suas características?
- 2º Quantas estrofes há no poema Vozes-Mulheres?
- 3º O título do poema " Vozes Mulheres", revela a temática a ser trabalhada. Faça um breve comentário sobre isso.
- 4º Qual a conclusão que o poema lhe traz?

E. E. E. F. M. MARIA DE LOURDES ARAÚJO
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

Aluno(a): _____

Turma: _____ Data: ____/____/____

EXERCÍCIOS

1- Leia os depoimentos de Conceição Evaristo e responda as questões:

a) Qual é a posição da mulher negra segundo Conceição Evaristo? Você concorda com ela? Justifique.

b) Em qual dos textos a autora revela falta de direitos? Exemplifique.

2- De acordo com o poema *Vozes-mulheres* de Conceição Evaristo, responda:

a) O título do poema *Vozes-mulheres* evoca dois elementos, quais são eles?

b) Qual é o verbo presente no poema que denuncia a marca de um tempo passado? E o que ele representa na construção do poema?

c) O poema apresenta uma mulher, que de certa forma teve o mesmo destino de sua mãe e de sua avó, encontre no poema os versos que representam estas marcas, e discuta sobre eles.

d) O poema narra a trajetória de mulheres negras em nosso país, a consciência de um fazer poético, a partir da memória. Neste sentido, produza um texto narrativo, cujo enredo, apresente suas ideias sobre a atual situação das mulheres negras em nossa sociedade.

E. E. E. F. M. MARIA DE LOURDES ARAÚJO
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

Aluno(a): _____

Turma: _____ Data: ____/____/____

ROMANCE: PONCIÁ VICÊNCIO
CONCEIÇÃO EVARISTO

1º capítulo

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a sua infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes, ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência a não ser os pêlos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. Passara rápido, de um só pulo. Consequira enganar o arco e não virara menino.

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-de-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até o

chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. Um dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até ao céu. Primeiro ela viu os pés da mulher, depois as pernas, que eram longas e finas, depois o corpo, que era transparente e vazio. Sorriu para a mulher, que lhe correspondeu o sorriso. Quando contou sobre a mulher alta e transparente, a mãe não lhe deu atenção, mas Ponciá notou que ela se assustou um pouco. Daí a alguns dias, quando o pai chegou, ela escutou a mãe pedindo-lhe que cortasse o milharal. O pai argumentou que não era tempo de colheita ainda. A mãe insistiu. E quando Ponciá Vicêncio acordou no outro dia, o milharal estava derrubado. As bonecas mortas pelo chão. Ela ainda olhou para os lados com esperança de ver a mulher alta e transparente. Não viu. Tudo era um só vazio. Ponciá chorou. Nunca mais ela viu a mulher alta, transparente e vazia que um dia sorrira para ela entre as espigas de milho.

Naquela tarde, Ponciá Vicêncio olhava o arco-íris e sentia um certo temor. Fazia tanto tempo que ela não via a cobra celeste. Na cidade, depois de tantos anos fora da terra, até se esquecia de contemplar o céu. Entretanto, desde cedo, ao acordar com a costureira angústia no peito, sem querer olhou o céu, como se pedisse a Deus socorro. Estava, porém, arrependida. Um arco-íris bonito, inteiro, bipartia a morada das águas suspensas. Passou a mão pela testa como se quisesse apagar tudo que estivesse pensando. Um receio antigo revisitou-a e insistiu em seu corpo. Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino. Agora sabia que não viraria homem. Por que o receio, então? Estava crescida, mulher feita! Olhou firmemente o arco-íris pensando que se virasse homem, que mal teria? Relembrou-se do primeiro homem que conhecera em sua família.



ESTUDO DIRIGIDO

- 1- Quem é o autor (a) da obra e comente sobre sua biografia.
- 2- Com base na leitura do primeiro capítulo de *Ponciá Vicêncio*, descreva a protagonista dessa história.
- 3- Por que a menina sentia medo de atravessar o rio e em que sua crença se baseava?
- 4- Comente sobre o narrador e qual é o seu envolvimento com a personagem Ponciá.